

Marcílio (e seu chefe)

FERNANDO PEDREIRA

O Brasil está hoje, outra vez, diante de uma verde e pálida esperança. Uma raquítica, bruxuleante e ainda encabulada esperança, mas, em todo o caso, uma esperança. E não é mesmo impossível, com uma dose adequada de boafé e boa vontade, encontrar para ela fundamentos e motivos palpáveis, racionais, convincentes.

O primeiro e mais simples desses fundamentos (ou motivos) está em que o presidente Fernando Collor enfim reconheceu que seu governo precisava de um recomeço. Necessitava de uma revisão profunda de métodos e critérios, o que não se poderia fazer sem o expurgo de dona Zélia e seus menudos, uma equipe valorosa, mas inexperiente e incompetente, além de contraditória em si mesma. Queria, na frase famosa do próprio presidente, deixar a direita indignada e a esquerda perplexa. Acabou deixando o País inteiro tonto, desarvorado e ainda mais pobre, estagnado e infeliz do que antes.

E eis aí, precisamente aí, um segundo e valioso motivo de confiança: o novo ministro, Marcílio, não é pessoa de deixar ninguém indignado, nem perplexo. Não é um pirotécnico. Os pirotécnicos são bons para festas de fim de ano na Avenida Atlântica, e para casamentos e fogueiras de São João, no Interior. O novo ministro é um homem tímido e bem-educado (até bem-educado demais para o corpo-a-corpo da política e do governo), mas firme e sereno. Tem uma cabeça incomumente bem organizada (no sentido didático e racional de seu mestre San Thiago Dantas) e uma sólida formação intelectual e acadêmica.

Não é pouco, certamente, mas ainda não é tudo. Sempre se poderá dizer contra ele que, em toda



a sua longa carreira, Marcílio optou sempre por discreto low profile, foi um excelente segundo violino, mas não demonstrou nunca apetite, garra ou ambição de chefe de orquestra. Como imaginar que um ministro assim, tímido e paciente, culto e cartesiano, possa enfrentar o jogo bruto do exército das Alagoas, todo-poderoso nos bastidores do Planalto, ou conter as investidas dessa malta de políticos fisiológicos e sem escrúpulos que domina o Congresso e os partidos? Pobre Marcílio...

A bruxuleante esperança de agora, pois, para se firmar sobre as pernas trêmulas necessita de um terceiro e indispensável fundamento: o apoio firme, a determinação e a disposição para a briga do próprio presidente Fernando Collor. O presidente já não é, neste mês de maio de 1991, a reluzente Ferrari Testarossa que parecia ser há pouco mais de ano, quando assumiu o poder. Gastou-se com a experiência, sofreu arranhões diversos na lataria e engasgos sérios no motor, até ser forçado a se recolher às oficinas para reparos urgentes.

Só os fatos podem dizer, nos meses próximos, se a máquina do governo vai render mais agora, depois dessa revisão dos primeiros 10 mil quilômetros ou 12 meses. Não se negará, entretanto, que a fórmula inicial tenha sido recomposta e, desta vez, sobre bases mais sensatas e firmes. Qual é essa fórmula? Ela combinava um presidente jovem, decidido e enérgico, mas inexperiente e precariamente formado (estudos em Brasília, prática política alagoana), com uma equipe técnica que devia dar ao governo substância teórica e competência econômica e administrativa. O mal, conforme hoje sabemos, é que essa equipe não demorou a mostrar que era pelo menos tão verde quanto seu chefe — que talvez por isso mesmo a tenha escolhido, entusiasmado com a história do milagre da bala de prata contra o tigre da inflação e outros contos da carochinha.

Agora, a fórmula original re-

constitui-se como devia ser, ou como poderia ter sido, em março de 1990, se a cabeça do presidente fosse então, como parece hoje, temperada por uns tantos fios de cabelos brancos. Fernando Collor, esperemos, não terá perdido a ambição, a compulsão de mudar o Brasil, a determinação e a coragem antigas, mas estará mais maduro e paciente, mais consciente do que se pode e não se pode fazer. E por isso terá escolhido, desta vez, Marcílio e seus experimentados (alguns, nem tanto) burocratas.

Ainda na quarta-feira, aliás, em Madri, o próprio Collor reconheceu a sabedoria da fórmula reconstituída: uma equipe vivida e "amaciada", para compensar um chefe de governo jovem e muitas vezes árduo e impaciente demais. Dois estilos, dois temperamentos, duas inclinações diversas que devem (idealmente) se completar, se equilibrar.

Quem vai, portanto, conter (ou não) os capitães-de-mato do exército das Alagoas nos porões do Palácio, quem deve disciplinar a voracidade dos políticos e empresários há de ser o próprio presidente, por trás do seu ministro-diplomata. Assim como dependerá dele, também, a dose de agressividade e firmeza sem a qual não se evitará que a tendência burocrática da nova equipe para a conciliação e o conformismo acabe embotando e embolando a reforma indispensável (e urgente) da administração e dos costumes públicos.

O problema, pois, continua (e continuará) a ser o presidente. Ninguém dirá que o governo Collor seja hoje um carro (ou um jet ski) usado, mesmo porque os carros só se chamam usados quando postos à venda. E o governo certamente não está à venda, não vai mudar de dono. Ou vai? Uma lição que se pode tirar do amplo espaço que dona Zélia ocupou no poder (e na imaginação dos brasileiros), ao longo dos últimos 14 meses, é que Fernando Collor, embora pareça sempre muito cioso do poder e de sua ribalta, na verdade não é nenhum Ernesto

Geisel: os deveres burocráticos do dia-a-dia o aborrecem e cansam. Ele é um governante (e um ator político) brechtiano, desses que mantêm sempre uma considerável distância entre si próprios e o povo que representam.

Dir-se-á que esse é também o caso de estadistas eminentes como os franceses De Gaulle e Mitterrand. Mas, na França, o presidente representa a nação e o governo (o Gabinete), a maioria do Parlamento. Enquanto, entre nós, no nosso abaguncado presidencialismo, os ministros exprimem simplesmente a vontade e o poder do presidente, e o Congresso, o Parlamento (quando muito), ape nas atrapalha.

O estilo Collor (rédeas soltas, cabrestos longos) permitiu que ganhassem espaços no seu governo, não só dona Zélia, com seus reconhecidos méritos e seu carisma, mas a parda eminência do P.C. Farias, além do porta-desafios Cláudio Humberto, entre outros menos votados. Ao longo de 14 meses, o presidente manteve-se nas manchetes e primeiras páginas sobretudo por suas atividades extracurriculares: viagens e exercícios de fim de semana. Mas esse tantas vezes frenético jogo de cena (e a pompa das periódicas reuniões ministeriais) não bastou para ocultar o tédio e a impaciência do chefe diante das mais intrincadas e renitentes questões administrativas ou políticas e sua crescente tendência a se distanciar das tarefas de governo propriamente ditas.

Se esse distanciamento presidencial se mantiver (ou se acentuar), a ainda bruxuleante esperança hoje representada pela nova equipe econômica corre o risco de se apagar em pouco tempo. Caímos outra vez na velha rotina, na antiga malemolência — o que talvez seja, enfim, uma solução. Dizia o falecido Oswaldo Aranha que o Brasil cresce de noite, quando o governo está dormindo. Antes assim.